

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS**

JULIANE DOMINGOS YAMANAKA

**PARADIGMAS DO ENVELHECER E CINEMA NACIONAL:
IMAGENS DA VELHICE CONSTRUÍDAS EM
COPACABANA E CHEGA DE SAUDADE**

**Orientadora: Andréa Claudia Miguel
Marques Barbosa**

Guarulhos

2012

JULIANE DOMINGOS YAMANAKA

**PARADIGMAS DO ENVELHECER E CINEMA NACIONAL:
IMAGENS DA VELHICE CONSTRUÍDAS EM
COPACABANA E CHEGA DE SAUDADE**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial
para obtenção do grau em Bacharel e Licenciatura em
Ciências Sociais.**

**Orientadora: Prof^a Dr^a. Andréa Claudia Miguel Marques
Barbosa**

Guarulhos

2012

Ficha Catalográfica
Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

YAMANAKA, Juliane Domingos

Paradigmas do envelhecer e cinema nacional; imagens da velhice construídas em Copacabana e Chega de Saudade/ Universidade Federal de São Paulo. Biblioteca da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. – Guarulhos, 2009.

43f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em ciências sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012.

Orientadora: Andréa Claudia Miguel Marques Barbosa

Título em inglês: Paradigms of aging and national cinema: images of the old age built in Copacabana and Chega de Saudade

1. Antropologia Visual. 2. Análise Fílmica. 3. Cinema. 4. Velhice. I Título.

JULIANE DOMINGOS YAMANAKA

**PARADIGMAS DO ENVELHECER E CINEMA NACIONAL:
IMAGENS DA VELHICE CONSTRUÍDAS EM
COPACABANA E CHEGA DE SAUDADE**

**Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel/Licenciado em Ciências Sociais submetida à
aprovação da banca examinadora :**

Prof^a Orientadora: Dr^a. Andréa Barbosa

**Prof^o. Dr.
Universidade Federal de São Paulo**

Guarulhos, dezembro de 2012.

Aos meus pais
pela compreensão e carinho
em todos os momentos.

Agradecimentos

Aos meus pais Iza e Wagner e aos meus irmãos Camila e Rodrigo, que, de alguma forma, sempre me apoiaram em minhas escolhas e na realização dessa caminhada acadêmica me auxiliando em todos os momentos.

Ao meu namorado e amigo Leandro pelo apoio, companheirismo e dedicação nos momentos em que mais precisei.

Agradeço a professora Andréa Barbosa pela credibilidade, atenção e confiança que depositou em mim contribuindo para meu crescimento intelectual durante a graduação.

Sou grata à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo incentivo e interesse em meu projeto no qual resultou no meu trabalho de conclusão de curso.

Aos meus amigos que fiz na universidade que muitas vezes compartilharam de minhas aflições e alegrias estando presentes em grande parte dessa jornada acadêmica.

*“Tal como mitos, rituais, vivências e experiências,
as imagens fílmicas condensam sentido,
dramatizam situações do cotidiano,
representam – reapresentam - a vida social”*

Sylvia Caiuby Novaes

Resumo:

A presente pesquisa busca analisar a construção da ideia de velhice em dois filmes nacionais: Copacabana (2001) e Chega de Saudade (2008), para então, trazer à tona imagens do envelhecimento que possam dialogar com alguns dos diferentes discursos vinculados à terceira idade na contemporaneidade. Os debates sobre a velhice vêm adquirindo maiores proporções desde a década de setenta, em que gerontólogos que compõem esse referido cenário tinham como função elucidar os muitos problemas relacionados ao envelhecer. Contudo, com a reconfiguração da imagem da velhice, na atualidade, trouxe consigo muitos aspectos que merecem ser discutidos, como a própria homogeneização do envelhecer.

Palavras-chaves: Antropologia visual. Análise fílmica. Cinema. Velhice.

Abstract:

This research intends to analyze the construction of the idea of the old age in two national movies: Copacabana (2001) and Chega de Saudade (2008), to then bring up images of aging that can dialogue with some of the different discourses related to old age in contemporaneity. The debates about old age have acquired greater proportions since the Seventies, when gerontologists that compose this scenario had the role to elucidate the many problems related to aging. However, the reconfiguration of the image of the old age today has brought many new aspects that deserve discussion, such as the homogenization of aging.

Keywords: Visual Anthropology. Movie analysis. Cinema. Old age.

Sumário

Introdução.....	10
2- As imagens como recurso investigativo.....	12
3- A terceira idade na contemporaneidade	13
3.1- A morte como próxima etapa	15
3.2- Sociabilidade e o envelhecer	16
3.3- Sexualidade na terceira idade	18
4- O Envelhecimento em Foco: as imagens e suas significações.....	20
5 - Vida e morte em Copacabana.....	22
6 - Chega de Saudade e a vida continua	26
7 - Considerações finais: A velhice e sua imagem em metamorfose	29
Bibliografia:.....	33
ANEXOS:.....	39

Introdução

O fascínio por filmes que me acompanha já há algum tempo despertou a necessidade de olhá-los de forma mais aprofundada. Considerando os filmes um artefato cultural, o que num primeiro momento parecia ser apenas imagens em movimento tornou-se um objeto que poderia trazer interpretações possíveis diante de nossa cultura. Com isso, de forma mais contundente senti o anseio de investigar questões que viesse a surgir de filmes.

As imagens, de uma forma geral, atraem olhares atentos e desatentos que podem levar a caminhos muitas vezes não decifrados. Desse modo, pensar na imagem do idoso de hoje instigou meu interesse de buscar compreender pessoas inseridas nesse grupo, que, por mais que estivessem próximas de nós não deixam de ser o outro que a antropologia tanto nos remeteu com afinco. Assim, tornou-se necessário nesse meu percurso investigativo estudar o tema velhice e algumas de suas questões.

O envelhecimento passou a ser considerada uma questão social principalmente quando estudiosos dessa área, os gerontólogos, alertaram para os muitos problemas dessa camada populacional. Na contemporaneidade despertou na sociedade e principalmente no idoso a necessidade de afastar a degradação corporal. Para tanto, atividades físicas e procedimentos estéticos, para aqueles que se encontram na terceira idade, são paulatinamente apresentadas e inseridas em procedimentos considerados necessários para pessoas enquadradas nessa categoria etária.

Desse modo, essa pesquisa pretendeu averiguar imagens, porém aquelas que o cinema transmite em dois filmes nacionais que são: Copacabana (2001) e Chega de Saudade (2008). Os filmes destacados dialogam com essa parcela de nossa sociedade em que há personagens representantes da categoria social conhecida por suas derivadas classificações como: terceira idade, melhor idade, idosos, velhos.

No filme Copacabana a morte é utilizada como pano de fundo que envolve toda a trama. Contudo, a morte não é consequência para o angustiado protagonista que se sente encurralado ao completar 90 anos de vida e estar mais próximo da morte. Em Chega de Saudade a sociabilidade e a sexualidade dialogam o tempo todo, pois o filme trata de um baile de dança de salão onde se constroem e se realizam muitas relações, ora efêmeras, ora duradouras.

Vale ressaltar que a imagem do idoso de hoje mostra-se muitas vezes conflitante com a que foi no passado, mas também com o presente, aspecto este relacionado principalmente

com a perda do vigor físico. Com a reorganização das normas vigentes estabelecidas aos idosos, em que estes passam a virar escravos do hoje esperando que o amanhã não chegue ou se atrase torna-se figura chave para o desenvolvimento de um mercado consumidor voltado ao ramo de cosméticos demonstrando preocupação com a imagem¹.

Além disso, temas como sociabilidade, sexualidade e a morte são abordados de muitas maneiras, pois são construções sociais, que por estar em processo constante de transformação, são notadas e diferenciadas em cada momento determinado, em que a longevidade humana passa a ser um dos princípios norteadores dessa situação.

Relacionando o contexto ao texto, os filmes apresentam os três temas já citados que considere extremamente relevantes quando tratamos de elucidar a terceira idade e suas conquistas. Com isso, os longas metragens escolhidos para evidenciar tais aspectos trazem elementos que abrem espaços para falar sobre o envelhecimento assim como sobre a própria imagem da velhice e seus desdobramentos haja que o que vemos é sempre uma realidade reinventada nas telas.

Nesse sentido, pontos como a relação cinema e imaginário social e a possibilidade de diálogos entre essas duas instâncias merecem ser frisados, pois os filmes podem reconstruir uma dada realidade de determinados grupos na vida social, como também questioná-la.

Analisei, assim, os filmes e algumas de suas questões, de modo a percebê-los como forte presença na nossa convivência cotidiana multifacetada. Como formas de interpretação da realidade social na qual estamos inseridos, as imagens do cinema são por muitas vezes apropriadas em nossas significações cotidianas da vida.

¹ Ver: DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp. São Paulo, 2004.

2- As imagens como recurso investigativo

As imagens na antropologia vêm historicamente sendo atribuídas de maneira variadas nos estudos científicos. “A câmera era considerada quase um instrumento de precisão, mas aos poucos o recurso da imagem na pesquisa antropológica foi se descolando da função de registro de dados etnográficos e ganhou outras possibilidades” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 49). Deste modo, se pensarmos nessas novas portas que se abriram para explorar essas diferentes formas de olhar, este fato pode nos trazer experiências que numa etnografia mais clássica talvez não se apresente.

O olhar é socialmente e culturalmente construído e quando uma pesquisa pretende lidar com imagens cinematográficas isso também é levado em consideração, já que para produzir um filme estabelecem-se escolhas vindas de pessoas reais, que vão desde o roteirista até os atores que interpretam os personagens.

Quando um pesquisador pretende realizar um trabalho de campo logo vêm à tona indagações sobre o tema escolhido. Com isso, o interesse em tentar resolver o problema estipulado origina-se da pergunta que foi formulada. Nesse sentido, ao refletir sobre a relação cinema e imaginário social, perceber que representações imagéticas da velhice são demonstradas simbolicamente na produção cinematográfica, que podem nos levar a refletir numa questão mais ampla, entre cinema e sociedade, torna-se um grande desafio. Deste modo, os filmes contêm “representações de um imaginário social cotidianamente recriado e em movimento” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.55).

Compactuando com o tema dos filmes *Copacabana* e *Chega de Saudade*, a velhice torna-se, no cotidiano contemporâneo, um debate que ultrapassou esferas da vida social. Situando os filmes a um contexto² estes que no caso são sobre a velhice, transmitem a possibilidade de perceber resquícios ou partes de nossa realidade, em que a cautela se faz necessária, pois os filmes estão inseridos num processo que reproduz significados possíveis ao mundo, servindo também como forma de dialogar com as normas que encontramos em nossas sociedades.

Nesse sentido, a forma com que nos apropriamos dele servirá como um instrumento enriquecedor para contribuições de indagações sobre o assunto que envolva terceira idade o

² Ver: VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. *Ensaio Sobre a Análise Filmica*. 9º edição. Tradução de Maria Appelenzeller. Revisão Técnica de Nuno César P. de Abreu. Campinas: Papyrus, 2009.

cinema e suas imagens, estas que “podem ser pensadas como forma de ver, olhar e pensar ampliando as possibilidades de análise nos domínios do visível” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 59).

3- A terceira idade na contemporaneidade

O envelhecer em seu contexto global tem as suas peculiaridades, valores e classificações. Com isso, “ao longo da história podem-se perceber diversos modelos de velhice predominando num espaço histórico em função dos valores culturais e econômicos das sociedades” (TAVARES, 2005, p.101).

O sociólogo Remi Lenoir (apud Motta, 1997, p.131) coloca que o termo terceira idade surgiu na França no final da década de 60 e que foi utilizado para referir-se aos velhos, porém, aqueles que eram ativos, aptos e dispostos ao trabalho, juntamente com as transformações referentes à aposentadoria naquele país.

Foi no final do século XIX que surgiram as primeiras iniciativas em relação aos estudos sobre envelhecimento e que se intensificou com a criação com a fundação Josiah Mancy Jr., nos Estados Unidos, e da Fundação Nuffiel, no Reino Unido cujo propósito era divulgar internacionalmente a Gerontologia e apoiar Universidades em pesquisas voltadas a aspectos biológicos do envelhecimento (Lopes, 2010, p.84). No Brasil, foi na década de 30 que a velhice tornou-se um problema social, sendo alvo de debates em disciplinas como sociologia e psicologia. Assim, esse campo interdisciplinar deu vida à gerontologia.

Contudo, é a partir da década de 60 que problemas de saúde relacionados ao envelhecimento conseguiram espaço em revistas médicas bem conceituadas. Assim, ocorre um desencadeamento no que se refere ao crescimento de associações voltadas aos idosos como as instituições de geriatria.³

Antes retraída somente à base familiar, atualmente, a velhice tornou-se uma etapa que por si só atraiu olhares das autoridades e da sociedade. Entretanto, esse aspecto se deu não somente pelo crescimento dessa parcela populacional⁴ no país, mas, também, pelo nível de debates que o assunto propiciou envolvendo esferas da vida social.

³ Ver: DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp. São Paulo, 2004.

⁴ No censo de 2010 mostra o crescimento da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010.

O envelhecer ganhou ainda mais notoriedade no ano de 2003, no Brasil, com a criação do Estatuto do idoso, como forma de evidenciar essa categoria socialmente, destacando os seus direitos e benefícios oferecidos por lei. Desse modo, segundo esse estatuto, um indivíduo idoso é aquele que encontra-se na faixa etária de 60 anos de idade ou mais. Contudo, pela Constituição Brasileira é determinado que a faixa etária seja de 65 anos para que uma pessoa seja classificada como idosa. Controvérsias a parte, o envelhecer torna-se um grande desafio para os indivíduos que estejam adentrando nessas categorias etárias.

Todavia, nas sociedades contemporâneas ocidentais, a velhice, ainda é pensada de modo a considerar o tempo cronológico como guia, no curso da vida.

Como afirma Guita Grin Debert (2005, p.32):

“As idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social: a incorporação de mudanças dificilmente, se faria sem uma nova cronologização da idade seria um exagero supor que a idade deixou de ser um elemento fundamental na definição do status de uma pessoa”.

Conforme evidenciado pela autora, as idades ainda demarcam posições na sociedade, pois, de certa forma, estipulam maneiras de se comportar diante dos ditames sociais. Com isso, a criança, o jovem, o adulto e o velho são compreendidos de acordo com a construção social que é direcionada para cada setor de idade. Em detrimento a isso, conforme prossegue esse ciclo, são os idosos vistos de maneira a estarem na última etapa dessa cronologia trazendo consigo uma maior aproximação com a morte.

Dessa forma, hoje, parece que o envelhecimento é evitado, ou seja, adiado, em que termos de repertório social são elaborados para expressar períodos que antecedem a velhice, esta vista negativamente, que parece demorar a chegar. Assim, classificações como terceira idade e melhor idade, por exemplo, são destinadas a renomear tal momento da vida.

Nesse sentido, “pensar a velhice hoje é romper paradigmas firmados apenas na cronologização do curso de vida e na atribuição de significados homogêneos a ela” (TAVARES, 2005, p.102). Dito isso, o envelhecimento traz uma diversidade de vivências, experiências em que não há como classificar esses indivíduos em um grupo somente.

A maneira de como compreendemos a velhice é muito particular principalmente em tempos de mudanças nas estruturas sociais, em que estas são refletidas no modo do como reagimos diante dela. O idoso de 60 anos não é o mesmo que tem 70 anos, por exemplo. Com isso, não é de se surpreender que até os próprios idosos tenham transtornos com relação à própria identidade ⁵, pois a imagem do envelhecer não pode ser considerada a mesma para todos que fazem parte dessa categoria, principalmente porque ocupa uma vasta gama de idades.

Com isso, nos dias de hoje, para os idosos identificar-se com os seus pares torna-se uma tarefa complicada, principalmente se é levado em conta valores tradicionais vinculados a estereótipos negativos do envelhecer. A dupla face da identidade da velhice se encontra nessa situação, em que há a identificação e ao mesmo tempo a singularidade em todo esse contexto (Tavares, 2005, p.104).

3.1- A morte como próxima etapa

A imagem do envelhecer não é apenas aquela estritamente vinculada a estereótipos negativos em que as marcas são evidenciadas no corpo de modo a demonstrar a deterioração do tempo vivido. O envelhecimento saudável é aquele que requer atitudes, de um indivíduo de mais idade, para evitar as marcas que o tempo imprime no seu corpo, de modo afastar o envelhecimento. ⁶

Com isso, praticar exercícios, ter uma alimentação balanceada e incluir nesta lista procedimentos estéticos são elementos que compõem essa nova fase da vida. No entanto, os idosos na contemporaneidade evidenciam o medo de envelhecer adquirindo modelos e procedimentos que retardam as marcas do tempo em seu físico. Assim, imagens de idosos em plena forma física estão cada vez mais enfatizadas como exemplo de velhice a ser seguida.

“Entretanto, não é apenas a velhice que esta sendo banida, mas também aquilo que está próximo dela que é a morte” (PIRES, 2003, p.73). A morte, como aspecto comum atribuído à velhice, é compreendida de forma a não estar separada daquela, sendo considerada a sua próxima fase.

⁵ Ver: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (org.). *Cinema velhice e cultura: cinedebate*. Campinas/ São Paulo, Alínea, 2005, p. 104.

⁶ Ver Debert (2004) e os discursos médicos com relação à boa velhice.

Assim, como a velhice, a morte também é compreendida e aceita de diferentes formas como elucida o historiador Philippe Ariès (2000, p.40):

“Num mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional perante a morte aparece como um embrião de inércia e de continuidade. Está agora tão apagada de nossos costumes que temos dificuldade de imaginá-la e compreendê-la. A atitude antiga em que a morte é ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demasiado à nossa onde faz tanto medo que já não ousamos pronunciar o seu nome”.

Nesse sentido, Ariès descreve como a compreensão da morte foi sendo transformada e atribuída no meio social, juntamente com as suas maneiras de vivenciá-las. No filme, *Copacabana*, uns dos temas que decorre durante quase todas as cenas é o da morte. O protagonista de nome Alberto vive numa paranoia constante em que penetra em fatos passados de sua vida vivenciando-os como se fossem atuais. Diante de toda essa reflexão pensa que por estar completando a idade de 90 anos irá morrer.

No outro filme que está nesta pesquisa para análise, *Chega de Saudade*, o tema da morte não deixa de aparecer, pois em meio ao baile um dos personagens sente um mal estar e também não deixa de pensar na morte como consequência factível.

3.2-Sociabilidade e o envelhecer

Como elucida a pesquisadora Alda Britto da Motta (1997, p.129), de que há uma dificuldade em determinar conceitualmente as pessoas de mais idade, tanto que existem muitas formas de se referir aos idosos, o termo terceira idade emerge como uma maneira de evidenciar a boa velhice, ou seja, aquela em que encontramos indivíduos com 60 anos ou mais dispostos e com boa saúde, que participam ativamente de afazeres incluindo lugares tidos como meio de sociabilidade entre pessoas dessa categoria.

Motta realizou uma pesquisa em Universidades voltadas para a terceira idade onde constatou que os entrevistados expressaram uma enorme disponibilidade, em frequentar o curso oferecido pela universidade, tendo como objetivos: ampliar seus conhecimentos, fazer novas amizades e preencher espaços vazios de tempos atrás.

Conforme políticas públicas direcionadas a essa parcela populacional ampliou-se as condições para que os idosos pudessem participar de programas que os estimulassem perante a vida, em que perdas sofridas na fase adulta pudessem ser recompensadas na velhice. Desse modo, criações de espaços para a terceira idade como universidades, bailes de dança, associações de aposentados faz com que os idosos se apresentem como indivíduos mais ativos em seu tempo. Nesse sentido, as imagens do envelhecimento transformam-se de modo a transmitir a noção de que a velhice pode ser recodificada (Debert, 2004, p.191).

Nesse sentido, o termo terceira idade obteve uma maior aceitação (Motta, 1997, p.131), por contrastar com a má velhice, pois o que reflete são pessoas de mais idade que tiveram ou têm uma boa velhice e que estão aptos para novas tarefas, evidenciando imagens de idosos saudáveis e que ainda não chegaram a conotações depreciativas.

No entanto, como afirma a antropóloga Clarice Ehlers Peixoto em sua pesquisa⁷ de que as imagens da velhice são construídas a partir do reconhecimento que os idosos tinham de si, dos outros e de seus espaços de pertencimento, estes espaços tidos como os de sociabilidade faz parte desse processo de tentar se reconhecer como sendo um indivíduo de mais idade na sociedade de onde está inserido.

No filme *Copacabana*, a trama desenrola-se em espaços variados, porém são ilustrados espaços considerados sociáveis para o público de terceira idade como lugares de encontros para realizações de jogos de carta, apropriações de espaços públicos como a praia são meios de exercitar a sociabilidade. Com relação ao filme *Chega de Saudade* também é evidenciado um espaço que podemos considerar o mais reconhecido como lugar de encontro para os que adentraram na velhice, os bailes de dança de salão.

Um trabalho interessante que retrata a questão da sociabilidade na velhice é o da antropóloga Andréa Moraes Alves (2004) que realizou um estudo no Rio de Janeiro em bailes de dança de salão. Assim, analisou alguns bailes, tanto os direcionados para um público de variada faixa etária, quanto para os de terceira idade. Com isso, ela comenta que os bailes que levam o nome *terceira idade* não são muitos e que para as pessoas como também para um de seus organizadores a utilização desse termo teria um aspecto negativo, por de repente os não frequentadores acharem que nesses bailes não há agitação e serem muito parados.

Contudo, essas associações que são destinados aos de mais idade são formas de “associativismo em que a idade cronológica é um elemento fundamental na aglutinação dos participantes (...)” (Debert, 2004, p.138).

⁷ Clarice E. Peixoto realizou um estudo sobre o envelhecimento com imagens de idosos do Brasil e da França.

Diante desse panorama, aqueles com mais idade que frequentam tais bailes estão participando de uma forma de sociabilidade havendo uma interação entre seus pares. Entretanto, são para os homens que isso parece acontecer de uma maneira mais intensa, já que estes saem à procura de uma companheira, de fato, para manterem uma relação mais séria (Alves, 2004, p.31).

Contrário aos homens, as mulheres mais velhas, por terem se submetido quando jovens a um período em que tinham uma liberdade restrita, vivenciam agora um momento diferenciado, em que buscam diversão e realização de suas vontades. Procuram os bailes como uma atividade valorizada por si mesma (Alves, 2005, p. 31), em que o dançar torna-se um meio de satisfação pessoal. Desse modo, o grande público desses programas para terceira idade são as mulheres que se expressa quantitativamente a mais que os homens.⁸

No entanto, nos bailes, comportamentos e regras não deixam de existir. As damas são conduzidas pelos cavalheiros, em que estes exercem um controle sobre aquelas de modo a decidir se vai ou não convidá-la para bailar. A mulher nesses bailes não pode negar a dançar com quem lhe convida para tal feito (Alves, 2004, p.50).

Enfim, essas diferentes formas de sociabilidade na terceira idade é refletida por Debert (1997, p. 120) quando ela afirma que para falar de terceira idade é se referir a um conjunto de discursos (amplamente divulgados pela mídia) e de novos espaços de sociabilidade (como grupos de convivência e as universidades para a terceira idade) empenhados a desestabilizar expectativas e imagens culturais tradicionais, associadas a homens e mulheres de mais idade.

3.3- Sexualidade na terceira idade

Nos últimos dados do IBGE⁹ é observado que a parcela idosa da população brasileira em maior número é a do sexo feminino. Com isso, o envelhecimento além de ter a suas peculiaridades também demonstra cada vez mais estar se direcionando ao universo feminino.

A pesquisadora e antropóloga Clarice Ehlers Peixoto (1997, p.149) realizou uma pesquisa na qual reuniu 25 mulheres, com mais de 60 anos de idade, de camadas médias e populares do subúrbio carioca. Ratificou-se de que entre essas idosas mais da metade casaram-se por amor, sendo que um grupo significativo delas, nascidas entre os anos de 1912

⁸ No Filme *Chega de Saudade* (2007) não deixou de evidenciar essa situação, em que há um grande número de mulheres no baile em comparação aos homens.

⁹ Ver a pirâmide etária em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/>

e 1937 casaram-se virgens. Sendo assim, Clarice relata que entre essas mulheres a sexualidade estava ainda muito vinculada ao casamento, em que este “era um lugar permitido para a produção dos afetos e das relações sexuais” (...) (1997, p.155).

Muitos são os temas direcionados à velhice, porém um assunto que não é tão evidenciado até mesmo pelos meios midiáticos, é o sexo na terceira idade. Pensando nas idosas, citadas no trabalho de Clarice E. Peixoto, que quando jovens exerciam a sexualidade de maneira a relacioná-la ao casamento, hoje há algumas mudanças diante desse tema.

Na área da saúde problemas relacionados com a ereção masculina faz com muitos homens se sintam constrangidos perante uma mulher no momento de sua relação mais íntima. Assim, parte da população masculina de idosos sofre com tal situação principalmente porque grande parte desses problemas ocorre nessa fase da vida.

Contudo, com o avanço na medicina houve surgimentos de muitas drogas farmacêuticas com suas determinadas funções, em que comprimidos tornaram se mais acessíveis à população. Essa facilidade em obter remédios também trouxe a oportunidade de homens idosos poderem desfrutar do sexo com mais liberdade devido a criações de drogas que solucionassem aquele problema.

No filme *Chega de Saudade* a sensualidade é um aspecto pertinente durante o andar de todo o baile. Considero o auge da sensualidade o momento de grande destaque no filme, que é quando a modalidade de dança tango é apresentada. Nela os personagens se doam de forma a evidenciar o desejo entre os sexos. Dando prosseguimento a essas cenas a mulher passa um comprimido, através de um beijo, na boca para o seu parceiro. Ambos entram em êxtase.

A pílula azul¹⁰, como é conhecida popularmente, passou a ser utilizada por muitos idosos tendo consequências positivas por estar contribuindo na evolução de um problema de saúde, mas por outro lado estudos demonstraram um aumento de casos de doenças sexualmente transmissíveis na população idosa em que o vírus do HIV também está presente na lista dessas doenças.

Segundo a pesquisadora Vera Lúcia Borges de Araújo¹¹ a incidência da Aids no Brasil, na faixa etária de 60 a 69 anos, passou de 6,84 casos por 100.000 habitantes, em 1990, para 18,74 casos por 100.000 habitantes em 1998. Devido a estes fatos uma campanha

¹⁰ Viagra

¹¹ Realizou a pesquisa: Características da Aids na terceira idade em um hospital de referência do Estado do Ceará, Brasil.

nacional fora criada utilizando de personagens idosos na televisão, em que motivava o uso de preservativo nas relações sexuais.¹²

4- O Envelhecimento em Foco: as imagens e suas significações

A vida possui fases que são administradas por nós através dos anos que vivenciamos, no qual cada etapa já tem indicações da sociedade de como cada pessoa deverá agir e se comportar quando encontrar-se inserida em cada uma das faixas etárias.

Assim, na Antiguidade, a velhice, era relatada de muitas maneiras. Na medicina hipocrática era reconhecida como uma idade fria e seca o que para Aristóteles não era muito diferente, pois este acreditava que o princípio da vida era mantido pela presença de um calor vital, que ao exaurir-se levaria à doenças e por consequência à morte (Sant'anna, 2006, p.102).

Aries (1981, p. 06) nos elucida como na Idade Média as idades eram reconhecidas, sublinhando que textos deste Período davam muito valor a este tema. Assim, no século XIII, a terceira idade referia-se ao momento vivido identificado como adolescência, que, segundo Constantino, correspondia ao vigésimo primeiro ano de vida, mas que para Isidoro esse período duraria até os vinte oito anos de idade.

Tal aspecto se diferencia do momento atual, pois pensar terceira idade hoje é remeter aos idosos com boa disposição física aqueles que atribuíram a suas vidas bons hábitos, sendo muitos destes adquiridos por meio de programas voltados para o bem estar do público idoso.

Para tanto, aqueles que não se identificam com os estereótipos negativos do envelhecimento vinculados ao abandono, perda de vitalidade física, entre outros, agregam posturas que não deixam de prevalecer em outras etapas da vida como a prática de exercícios físicos. Com isso, o idoso que se mostrar mais jovial estará cumprindo os requisitos necessários para alcançar uma boa velhice.

Assim, a velhice e a miscelânea de informações que ela carrega tanto no aspecto biológico quanto no social ressalta a presença da heterogeneidade das vivências, pois cada cultura e o indivíduo inserido nela assimilam e constroem a sua própria maneira de envelhecer. É nesse sentido, que Featherstone (apud Lopes, 2006, p.11) coloca o termo

¹² No ano de 2008, o governo realizou uma Campanha do Dia Mundial de Luta Contra a Aids e teve como público-alvo a população heterossexual com mais de 50 anos de idade. O slogan da campanha era "Sexo não tem idade. Proteção também não".

“cursos da vida”, justamente no plural, para salientar a existência de uma categoria de idade legítima e merecedora de cuidados públicos. Com isso, o autor sublinha a existências de outras velhices.

Podemos pensar nos períodos percorridos durante séculos para refletir sobre a questão da longevidade humana e sua cronologização assim como elucida Guita Grin Debert (2005, p. 27):

“(…) a pré-modernidade, em que a idade cronológica é menos relevante do que o status da família na determinação no grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário”.

A antropóloga descreve como a idade cronológica veio configurando-se e sofrendo mudanças. Contudo, é na modernidade a época em que a idade torna-se essencial mostrando uma sociedade mais seletiva e classificadora, sendo o velho sua maior vítima. Também enfatiza que com a pós-modernidade, a idade parece estar num patamar diferenciado no qual não se têm mais tanto esforço em determinar quem são os indivíduos de mais idade.

Retornando ao século XIV, quando Ariès discorre sobre as iconografias que tratavam das “Idades da vida”, ideia que se prolonga do século XVI até o XIX sem muitas alterações, gravuras muito populares eram identificadas como *Degraus das idades* fazendo referências as pessoas em degraus ascendentes e descendentes de acordo com as idades. Com isso, eram nos primeiros degraus de maneira ascendente que havia representações de crianças, jovens estudantes e homens com armas, de maneira a enfatizar vestimentas mais atuais. Com relação à posição descendente estavam pessoas mais velhas homens de lei com vestimentas antigas (Ariès, 1981, p.09).

No entanto, as idades da vida representadas em iconografias percorriam séculos sendo alteradas conforme as tradições e costumes, em que as idades e suas significações tinham formas diferenciadas de ser compreendidas.

Desse modo, as pessoas de mais idade de séculos passados estavam representadas como as mais sábias e conhecedoras das leis. Aspecto não muito diferente encontrados em outras sociedades como, por exemplo, em grupos indígenas onde os velhos são os detentores do saber, sinônimos de autoridade cultural.

Assim, essas imagens apresentadas de forma impressa mostram uma ideia de como os indivíduos considerados de mais idade eram vistos, imaginados e representados, já que tais gravuras evidenciavam certas diferenças em relação a como se trata do envelhecimento na atualidade.

Nesse sentido, quando pensamos o cinema como artefato cultural ele pode muitas vezes reproduzir significados de uma determinada sociedade, mas também pode questioná-la, problematizá-la. As imagens contidas num filme são construídas e imaginadas pelo diretor, um indivíduo em diálogo com seu tempo e sua sociedade.

O cinema reconstrói o real por meio da montagem de seus elementos articulados como: planos e sequências, tempo e espaço (Novaes, 2009, p. 53). São os “cineastas que fazem o cinema, é através da reflexão sobre os filmes de que gostamos (ou de que não gostamos) que conseguimos alcançar numerosas verdades referentes à arte do filme em geral” (Metz, 2007, p.16). Assim, filmes que tratam da ideia de envelhecimento humano não fogem a regra de construir um diálogo com o que vivemos no nosso cotidiano sobre a velhice.

“Eficientes na comunicação simbólica” (NOVAES, 2009, p.49), as imagens, trazem condições de notarmos como os velhos, como atores sociais, podem ser elucidados e compreendidos. Para tanto, utilizarei os três aspectos que apontei como recorrentes quando nos referimos ao envelhecimento - morte, sociabilidade e sexualidade - e que foram utilizados como pontos de observação na análise fílmica.

5 - Vida e morte em Copacabana

“A saudade é uma sombra negra de um passado cor de rosa”

(Fala de Alberto do filme Copacabana)

O longa metragem Copacabana (2001) abre com imagens recentes de um bairro que já fora palco de extremo glamour em tempos passados. O filme não deixa de mostrar a história de Copacabana, sendo ela uma lenda ou não, evidenciando o que seria o seu nascimento e imagens de como era o famoso bairro do Rio de Janeiro do início do século XX.

A trama circunda o fotógrafo Alberto (anexo Figura 1), que, bastante reflexivo, começa a pensar na sua vida: “(...) talvez todas essas pesquisas biológicas façam com que um dia o homem não morra...”. Tal pensamento ocorre à medida que aquele está prestes a

completar seus 90 anos de idade, tendo como certo e consequência não só mais um ano de vida e o envelhecer, mas, sim, a sua proximidade com a morte.

Muito difícil falar da vida sem mencionar a morte, sendo este um tema certamente intrigante, já que aquela é uma certeza incontestável. Tal tema configura-se como elemento principal no filme. Com isso, vale a pena explicitar aqui as cenas em que os porteiros do prédio de Alberto apostam dinheiro num possível falecimento daquele. Isso acontece pelo fato de Alberto estar recluso e também por estar completando 90 anos de idade.

Como um ciclo, o filme abre com o término e o seu fim retorna ao início. Com isso, o nascimento de Alberto e lembranças de sua infância não deixam de ser ilustrados onde sua concepção de vida é transcorrida e mostrada o tempo todo nos dando a dimensão de fatos decorrentes de seus anos vividos, desde a infância a maturidade no bairro. Nesse sentido, o processo de descronologização de fases da vida de Alberto é evidenciado através dos bons momentos vivenciados e escolhidos por ele passa reconstruir sua trajetória de vida.

Desse modo, como Alberto mesmo enfatiza: “uma memória longínqua me surpreendia”, episódios históricos como os do 18 do forte de Copacabana e a inauguração do Hotel Copacabana Palace são contados como parte que integra fatos marcantes de Copacabana e também da vida de Alberto. Tomado por flashbacks advindos de reflexões o filme traz a sensação de que sempre é necessário reconstruir um tempo, em que é a praia de Copacabana o ponto de junção do velho com o novo (Döppenschmitt, 2005, p. 68).

A pesquisadora Myriam Moraes Lins de Barros (1997) realizou um estudo, com um grupo de idosos inseridos na faixa etária entre 64 a 90 anos, que tinha por finalidade a reconstrução das trajetórias de vida. Assim, como muitas estatísticas já demonstravam esses idosos eram em sua maioria mulheres.

Na sua análise, a antropóloga percebeu que grande parte das falas narradas pelos idosos eram povoadas de fatos vivenciados na infância e na juventude, ou seja, em momentos em que a trajetória de vida mudava de rumo situação esta que o filme evidencia de maneira constante.

Uma outra cena interessante é aquela em que o protagonista está conversando com sua irmã na parte externa do Hotel Copacabana Palace. Nela, ele começa a divagar relembrando os seus velhos tempos, em que diz: “nossa Celina você não sabe quantos anos eu voltei agora”.

A cena que se segue é em preto e branco onde Alberto está dançando nos salões do hotel em um baile com a pessoa que foi sua primeira namorada. A atitude de buscar na memória acontecimentos agradáveis se faz presente em todos, porém naqueles que se

encontram com a idade mais avançada se faz ainda mais necessária quando o envelhecer torna-se doloroso, por exemplo, fisicamente, emergindo muitas vezes a necessidade de ser saudosistas de um tempo que passou no qual o corpo ainda não sofria com as marcas dos anos.

Dessa maneira, é evidente que o envelhecimento chega para todos, em que sinais em nosso corpo são as marcas deixadas pelo sorrateiro tempo no qual apagá-las requer muitas mudanças. A sociedade ocidental não deixa também de enfatizar seus ditames onde a aposentadoria é a marca e símbolo social do envelhecimento (Peixoto, 1997, p.142).

O envelhecimento traz consigo um aspecto visto como negativo: a aposentadoria e exclusão social e a morte. A morte como a próxima e última fase da vida quase sempre está vinculada a velhice principalmente daquela que apresentam pessoas que não desenvolvem atividades físicas e lúdicas.

Esse dilema nos faz pensar na ideia da pós-modernidade trazida por Debert (2004), em que expectativas com relação à idade vêm configurando-se de modo que procedimentos para retardar o envelhecimento estão adquirindo cada vez mais adeptos, em que os idosos fazem parte do público que mais sente tal *coerção*. Assim, “à medida que se acrescentam anos à vida, a definição da velhice se transforma, ou seja, o envelhecer parece se estender” (LOPES, 2007, p. 143).

No filme o envelhecer sublinha que o passar dos anos além de interferir nas esferas biológicas em nosso corpo físico, não deixa de ser também nos espaços físicos da cidade. Copacabana também envelhece e isso é evidenciado na transformação que o filme apresenta do que era anteriormente o bairro de Copacabana com o glamour da época principalmente pela presença do então inaugurado Hotel Copacabana Palace espaço frequentado pela elite da época, que, apresentado em preto e branco, parece permanecer guardado num passado de esplendor.

Para contrastar, o presente, é mostrado plano a plano em cores evidenciando as ruas e suas transformações plausíveis de um tempo moderno onde viver com as diferenças passa a ser necessário. Assim, o velho glamour convive com o novo momento de Copacabana marcada de muitos personagens: idosos, crianças, adolescentes, adultos, travestis, garotas de programa, vendedores ambulantes enfim, atores sociais que vivenciam o mesmo lugar.

Assim, o decorrer de todo o filme mostra a dicotomia que o defunto protagonista, mesmo que temporariamente, está vivendo. É durante o seu próprio velório que Alberto conta a sua história. Seus amigos (anexo Figura 2) em prantos tentam fechar o seu caixão, mas isso

não é possível o ciclo não tinha chegado ao fim. Alberto sofria de catalepsia¹³ e não havia morrido. É claro que todos os bons momentos vivenciados por Alberto são em grande maioria os que estavam no passado. O presente e muito menos o futuro não o agradavam mais.

Alberto é o idoso que demonstra estar cansado, apático perante a vida apresentando paulatinamente a ausência de relações sociais. Tais aspectos caminham com os estereótipos negativos do envelhecer. Contudo, o filme complexifica essa visão de velhice ao mostrar uma outra visão na forma como apresentam os amigos de Alberto. Eles são construídos com imagens de uma terceira idade que tem boa disposição física e que participam de encontros como meio de se identificar com seus próprios pares.

A amizade entre o grupo proporciona encontros em espaços de lazer em comum como a cena em que estão todos na praia, em que um personagem exercita-se na areia e os outros tomando sol, na casa de um dos membros do grupo para eventuais competições de jogos de carta. A organização da festa de aniversário de Alberto não deixa de ser também uma maneira de formalizar vínculos afetivos entre os amigos.

Essas cenas que foram citadas dialogam com os meios atuais que a parcela de mais idade conquistou para estabelecer relações sociais. Assim, como comenta Debert, os “espaços que proporcionam uma experiência diferenciada são aqueles que instigam a terceira idade a aceitar o envelhecer coletivamente” (2005, p.29), tais espaços são assimilados de modo onde o idoso que circula por eles adquire meios que lhe proporciona encontrar uma identidade, sendo estas formas de compartilhar suas vivências.

O filme não deixa de tocar em assuntos delicados como o da sexualidade na velhice. Alberto quando tomado por suas lembranças volta ao tempo em que frequentava cabarés, antigos prostíbulos da época. Com isso, lembra-se de seu primeiro gozo, “o que não faz uma memória viril de um velho”. O que está explícito é a presença de sua vontade sexual, que, como ele mesmo fala: “o desejo que não adormece apenas cochila”. Logo depois dessa fala, afirma que provavelmente com seus amigos tal situação não seria diferente encaminhando o próximo quadro.

A cena em questão, que é tratada com naturalidade, ocorre no momento em que uma das amigas de Alberto, Jacira, com seus quase 80 anos, está em sua casa assistindo televisão e ao mesmo tempo se masturbando. Sua filha chega flagra a situação e fica extremamente revoltada. Jacira tenta explicar o que sente, mas sua filha não considera.

¹³ Doença que faz com que os músculos fiquem rígidos e sem movimentos.

É interessante notar que tema que envolve sexualidade na terceira idade é tabu na sociedade. Na época em que o assunto não tinha tanta expressão, como no final dos anos 70, Cacá Diegues inovou produzindo o filme *Chuvas de Verão* (1977) onde demonstrava a questão da sexualidade e da existência do desejo na velhice. O que antes deixava a desejar, hoje, caminha para um debate ainda em gestação que adquiriu mais força devido à criação de novas drogas farmacêuticas no mercado que prometem potencializar o desempenho do homem de mais idade na hora do sexo e consequências e impactos dessas novidades perante a população de mais idade.

6 - Chega de Saudade e a vida continua

O filme *Chega de Saudade* (2008), que traz no próprio título muitas pistas, é extremamente rico. O Baile é o recorte escolhido para essa ficção que nos remete a refletir não somente sobre o envelhecimento humano, mas também sobre as vicissitudes da vida, em que temas diversificados com suas complexidades nos são apresentados nesse longa metragem.

O filme mostra como o baile de dança de salão, localizado em São Paulo, tem vida própria. Contendo cenas em plano sequência explora acontecimentos presentes o tempo todo como se o telespectador fosse convidado a participar. Com isso, é interessante notar que o baile não para mesmo com a falta de energia temporária e mesmo com as variadas situações decorrentes das relações interpessoais que ali se desenvolvem.

A chegada de um jovem, acompanhado da namorada, que é o responsável pela montagem e manuseio do equipamento de som do baile e da apresentação de um show ao vivo que aconteceria, movimenta a trama. Adentrando ao recinto, Bel sua namorada, percebe algo diferente. O baile se mostra de maneira convidativa instigando quem está ali presente, principalmente para os que nunca pisaram lá, a participarem dele. Dessa maneira, Bel se entrega de corpo e alma (anexo Figura 3). O baile é o grande protagonista do filme.

O cenário do baile é composto por elementos diegéticos que possibilitam a dinâmica e desenvolvimento de toda a trama. A musicalidade no ar e a presença de uma luminosidade aconchegante nos traz a sensação de que estamos no baile. A maioria das cenas é enquadrada em primeiro plano justamente para dar a dimensão e intensidade das trocas de olhares, das palavras compartilhadas que mesmo sendo sensações momentâneas possuem uma dimensão forte.

As pessoas já se conhecem assim como demonstra a própria fala de um dos personagens quando afirma: “Elza é a nossa figurinha carimbada aqui no baile”, em que os indivíduos criam vínculos de caráter afetivo estando interligadas no funcionamento do salão. A câmera acompanha os personagens, de maneira a nos levar para dentro do baile, que embalado pelas músicas nos envolve numa dinâmica delirante.

Em um estudo realizado pela antropóloga Andréa Alves (2004) em Bailes de dança no Rio de Janeiro é evidenciada a dimensão do funcionamento de alguns bailes. Em sua pesquisa nota-se a quantidade de bailes existentes que promovem as possibilidades de encontros não só para os indivíduos de mais idade, mas também para jovens, adultos incluindo os considerados profissionais da dança. Com isso, afirma que dificilmente encontram-se bailes que levam o nome de terceira idade.

O filme mostra o baile como um ponto de encontro entre conhecidos, ou mesmo, amigos como forma de estabelecer relações afetivas, que, podem ser evidenciadas em muitas cenas. A cena de uma comemoração de aniversário (com bolo e velinhas) que estava acontecendo em meio ao baile coloca-se muito interessante, já que a comemoração refere-se a mais um ano de vida. A troca de bilhetes, numa espécie de correio elegante realizada por meio do garçom não deixa de ser também mais uma maneira de relacionar-se.

Simmel (2006, p.63) define a sociabilidade como “forma autônoma ou forma lúdica” de interação face a face. Assim, a sociabilidade ocorre por meio de interações entre as pessoas enfatizando uma relação horizontal, ou seja, aquela que não possui interesses que vão além de finalidades ou impulsos contidos dentro dessas interações.

Desta maneira, como espaço de sociabilidade, o baile, constrói meios comportamentais estipulados entre seus frequentadores e afins. As vestimentas adequadas são rigidamente fiscalizadas. Uma cena do filme que conversa com essa situação ocorre quando a jovem Bel, entra no baile de calça e acaba sendo repreendida pelo senhor português dono do lugar. Ele diz: “Você não sabe que mulher não entra aqui de calça?”. Assim, Bel teve que providenciar uma saia caso quisesse realmente permanecer no local.

A descrição elaborada pelo estudo de Andréa Alves (2004) transparece que as mulheres frequentadoras de bailes procuram estar impecáveis quando o assunto é a indumentária. Assim, há um diálogo dos estudos com cenas do filme que focalizam as vestimentas das mulheres frequentadoras do baile. Vestidos, saias, sapatos de salto (anexo Figura 4) são acessórios indispensáveis para se apresentarem de forma ideal.

Outra situação do filme que podemos destacar é a da Elza, personagem de Betty Faria, quando ela é esnobada por um dos homens que não a tirou para dançar. Elza interroga-se

“será que é meu vestido” (anexo Figura 5). Nota-se que no baile há uma quantidade maior de mulheres. Com isso, algumas das senhoras que ali se encontram se vestem de modo a agradar a si e principalmente ao parceiro procurando recursos para atrair atenção dos cavalheiros.

Estudos sociodemográficos mostram a feminização da velhice (Neri, 2007, p.48), em que consiste no aumento de algumas características tais como: “maior longevidade das mulheres em comparação com os homens, maior presença relativa de mulheres na população idosa, principalmente nos estratos mais velhos. Outra é o crescimento do número de mulheres idosas que integram a população economicamente ativa”. Por fim, como enfatiza Camarano, Kanso e Leitão e Mello o crescimento do número de mulheres idosas que são chefes de família (apud Neri, 2007, p. 48).

No filme este fato não passa em branco, já que por falta de homens para dançar as mulheres contratam um dançarino particular (anexo Figura 6), que utiliza daquele espaço como meio de ganhar dinheiro.

O filme retrata o contato constante dos corpos no bailar das músicas intensificando o ar de sensualidade, sendo este um dos elementos que compõem o tema da sexualidade. Assim, uma cena interessante para ser enquadrada é a troca de olhares entre o personagem conhecido como Argentino e a mulher rica que trai o marido, Rita. Nessa conversa de olhares percebemos que o libido está no ar principalmente quando os dois dançam a modalidade de dança de salão, o tango, que é carregada de sensualidade.

Logo depois da respectiva dança o casal separa-se. A mulher vai até o banheiro feminino e nessa cena Rita parece estar excitada. Depois os dois unem-se novamente e entre abraços e carícias Rita coloca em sua boca o que parece ser um estimulante sexual em comprimido, que é passado por meio de beijos para a boca do personagem Argentino.

Nesse sentido, o tema como o da sexualidade na velhice, que quase sempre pareceu ser um tabu, é enfrentado no filme. Tais cenas coloca a sexualidade de modo natural e presente na vida desses idosos. Caminhando ao lado com essa realidade ficcional uma campanha realizada pelo Governo Federal que tinha o slogan *Sexo não tem idade. Proteção também não*¹⁴, foi realizada justamente para informar esse público de mais idade sobre meios de proteção necessárias na hora do sexo, pois os desejos não se ausentam estando também presente na vida dos que tem mais idade.

¹⁴ No ano de 2008, o governo realizou uma Campanha do Dia Mundial de Luta Contra a Aids e teve como público-alvo a população heterossexual com mais de 50 anos de idade. O slogan da campanha era “Sexo não tem idade. Proteção também não”.

Em *Chega de Saudade* é também enfatizado a existência de sentimentos que brotam no passar do dia das relações conquistadas e dos desejos estimulados (anexo Figura 7). É dessa maneira que as cenas entre os personagens Eudes e a jovem Bel chamam a atenção, onde constroem uma afinidade tão grande que instiga a desconfiança e ciúmes da companheira mais velha de Eudes.

Muitas mulheres que encontram-se com a idade mais avançada almejam apresentar uma silhueta jovem, ou mesmo, rejuvenecida. As condições em que apresentam-se fisicamente não são mais favoráveis com relação a dos tempos de antigamente sofrendo com as inseguranças e medos vividos diariamente. Com isso, o jovem o novo que sempre foi valorizado em nossa cultura ocidental chega a incomodar. Contudo, muitas encontram na dança uma possibilidade de mostrar um corpo ainda ativo (Alves, 2004, p. 103).

Com relação ao tema da morte, este é abordado no filme, porém de forma mais singela que *Copacabana*. A primeira cena que trata do tema mostra o personagem Dionísio conversando com Eudes afirmando: “eu vi a morte de perto”. Isso devido a um infarto que resultou em uma operação que fez no coração. A outra está vinculada com o instante que o personagem Ernesto sente um mal estar durante o baile e procura a enfermaria. Com isso, o socorrista exalta os cuidados que Ernesto deveria adquirir mudando o seu estilo de vida evitando emoções. Na sequência Ernesto responde questionando-o: “o melhor mesmo é deitar no caixão e esperar a danada chegar, é isso”?

A morte vista por este prisma é uma situação constantemente presente. Relacionar a velhice com a morte é algo que se apresenta na modernidade de modo muito mais intenso, porém, como Ariès (2000) elucida, as formas de concebê-la tornam-se peculiar de tempos em tempos.

Com isso, sempre é necessário relacionar texto e contexto e vice –versa. O período histórico onde estamos imersos é extremamente significativo quando queremos interpretar algo, como, por exemplo, a morte que já fora um elemento muito mais amedrontador, ou mesmo, familiar do que nos dias de hoje quando falamos de pessoas idosas.

7 - Considerações finais: A velhice e sua imagem em metamorfose

(...) “as imagens contribuem para aplacar o mal-estar decorrente do corpo finito, ao mesmo tempo em que nos sinalizam significados contemporâneos” (LOPES, 2007, p.142).

No Brasil, a velhice ficou reconhecida como “questão social” em meados da década de sessenta quando gerontólogos apontaram os muitos problemas vividos por esta parcela populacional. Décadas depois se inicia uma batalha contra os velhos ditames sociais quando o assunto sobre o envelhecer chegou também a outras esferas sociais o que tornou possível o surgimento de políticas públicas.

Com isso, a imagem do envelhecer antes vista por meio de estereótipos negativos mergulhadas na decadência e abandono começa a ser veiculada, na contemporaneidade, com uma mais positiva e nesse sentido vista como uma mais jovial, já que na sociedade ocidental o novo é visto com bons olhos e o velho é visto com ressalvas.

Assim, pessoas mais velhas que seguem a risca as condutas relacionadas à alimentação e também a inserção de procedimentos estéticos tomados para obter uma boa velhice está no rumo para alcançar uma imagem de um super idoso, saudável e disposto. Os comportamentos adequados para a determinada faixa etária que acomete as pessoas de 60 anos ou mais são estimulados de forma a retardar o que muitos temem o deterioramento físico causado pelo tempo, ou seja, o envelhecimento.

Entretanto, a busca por um corpo jovial dotado de processos estéticos são exceções que para alguns se tornaram regras na sociedade ocidental. Com isso, as diferentes formas de envelhecer seria um reflexo das imagens variadas de idosos que encontramos em nossas vivências. Esta situação só nos faz pensar que a velhice, vista como homogênea, emerge de modo bastante heterogêneo.

A morte vista como a próxima etapa da vida de um idoso é algo que amedronta essa camada populacional. A maneira que muitos encontraram para afastar-se dela é rejeitar o envelhecimento, adotando tais procedimentos. Portanto, todos os meios que forem acessíveis para evitar tamanha degradação do corpo físico serão elementos para prolongar a idade adulta e retardar a velhice, onde o medo da morte é algo constante.

Sendo assim, a morte além de estar presente em nosso cotidiano também é apresentada em filmes. Cada imagem focalizada e transmitida nas ficções nos faz repensar na possibilidade de que como cada uma foi escolhida e elaborada pelos seus idealizadores de modo a dialogar com o espectador sobre a partir de uma realidade reinventada e reconstruída. Portanto, os filmes são produtos do imaginário social e cultural estando muitas vezes mergulhados em temas que envolvem a sociedade.

Para tanto, os três temas: sociabilidade, morte e sexualidade que sublinhei nesse trabalho, em tópicos separados, são uma constante em ambos os filmes não só nas falas e

temas da história, mas também nas estruturas visuais. Contudo, a morte como elemento central é nitidamente evidenciada em Copacabana que a coloca de forma a também questioná-la nos remetendo a indagação: Será a morte um elemento somente atrelado à velhice de maneira categórica?

No filme Copacabana, Alberto de 90 anos, é uma das representações da velhice. Mas o filme mostra a diversidade, quando a imagem de Alberto contrasta com as de muitos personagens inclusive com a dos seus próprios amigos, que, também são considerados velhos por aquela sociedade, mas que apresentam um envelhecer diferente.

Numa sociedade classificadora como a nossa, a possibilidade de ocorrer distorções e incoerências são grandes evidenciando aspectos que mais segregam do que agregam. Desse modo, como fica a situação dos mais velhos, ou seja, aqueles que estão com seus 80 anos ou mais? Na maioria das vezes são reduzidos ao que chamamos de estereótipos negativos do envelhecer, em que palavras como dependência e vulnerabilidade são as mais empregadas. As possibilidades que o mercado oferece para conquistar o rejuvenescimento é algo recorrente em propagandas, mas quando este aspecto chega aos mais idosos está muito mais relacionada o elemento físico e a um certo ideal de beleza.

Nesse sentido, são os mais velhos que geralmente ganham rótulos de pessoas que descuidaram de sua saúde devido a uma aparência não muito bem vinda. Assim, como Peixoto (2000) coloca que novas terminologias como, por exemplo, quarta idade pode surgir penso também que essa situação favorece na abertura e amplitude de debates para possíveis criações termos para designar faixas etárias mais avançadas e com isso apontar suas reais necessidades.

Os conflitos relacionados de como seria a imagem do idoso em nossa sociedade parece realmente existir. Tal situação não se delimita apenas aos dias atuais, já que o envelhecer diverge dentre os períodos e entre as muitas sociedades existentes. A partir dessa análise as duas proposições, que coloquei no início do projeto, da existência de dois tipos de imagens do envelhecimento no imaginário social, a qual a primeira seria representada por idosos mais reclusos e debilitados e a segunda por idosos mais dispostos, estão presentes nos filmes e na vida e parece se ampliar. Com isso, o que existe é a presença de muitas velhices e não de dois grupos apenas.

Dito isso, muito me faz pensar que em nossa cultura as terminologias inseridas entre o período que seria a idade considerada adulta e a velhice faz com que idosos tenham ainda mais dificuldades em se identificar a partir do momento que surge uma forma de tentar

homogeneizá-los. A tentativa de homogeneizar a velhice torna-se um elemento presente, mas que devido à heterogeneidade das vivências desses indivíduos, não apresenta veracidade.

O protagonista de Copacabana é colocado de modo a ressaltar suas experiências de vida construídas naquele bairro demonstrando certa expectativa de um desfecho diferente, onde o início pessimista termina com um fim otimista e esperançoso. Com isso, as imagens plano a plano juntamente com os recursos narratológicos são construídas de maneira a apresentar que a morte está próxima de qualquer pessoa, como é enfatizado na parte final do filme pela personagem Salete: “Para morrer basta estar vivo (...)” e pelo personagem principal da trama, Alberto, quando este diz que “na vida morrer não é nada é quase como voltar para casa (...)”.

Atualmente, em nossa sociedade, o tratamento dado ao tema do envelhecimento mudou e novas possibilidades estão sendo apresentadas para o que antes era considerado o fim da vida. Assim, o que fora um anacronismo em tempos passados, hoje, com relação aos processos tomados e estipulados para e pela parcela de mais idade na intenção de obter um bom envelhecimento torna-se atual, perante uma mesma sociedade que já os viu como retrógrados. Com isso, nota-se que a ideia é trazer a sensação que sempre há tempo para realizações na vida estando o indivíduo em qualquer idade.

Nesse sentido, os novos significados que podemos tirar de imagens do envelhecimento juntamente com o embaralhamento das idades estão interligadas com o período que estamos vivendo e que Debert (2005) denomina pós-modernidade.

Com relação ao filme Chega de Saudade o foco está na chamada terceira idade, termo utilizado para designar as pessoas de mais idade que estão iniciando sua entrada na chamada velhice. Assim, o baile, cenário de todo o longa metragem, passa a compor a trama de modo a fazer parte da vida daqueles que se encontram nele, ou seja, um meio de sociabilidade onde relações são criadas e discutidas, realizadas e desmanchadas. Com isso, situações diversificadas surgem de maneira cotidiana e natural onde, o novo, que no caso é a presença dos jovens Bel e Marquinhos, é aceito sem muitos questionamentos por aqueles frequentadores do baile.

A imagem e a auto imagem que pessoas idosas fazem de si e de seus pares são maneiras de estipularmos como os idosos querem ser notados e reconhecidos. Nesse sentido, quando analisamos os meios de sociabilidade para terceira idade, tal grupo etário não quer ser relacionado ao passado, ou mesmo, com algo monótono. Espaços voltados ao público da terceira idade passam a ser espaços para construção de sociabilidades no qual o presente

transforma-se numa forma de atenuar um passado de arrependimentos e um futuro cheio de incertezas.

Contudo, ao realizar uma análise fílmica é importante situá-lo num contexto, numa história (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p.23) propiciando relações entre cinema e sociedade. Com isso, os filmes que foram produzidos na nossa contemporaneidade evidenciam elementos sincrônicos com relação às diferentes possibilidades de envelhecer de nossa sociedade.

Comparando os dois filmes, os idosos representados são ilustrados de maneiras diferentes. A conotação terceira idade está muito mais vinculada ao filme *Chega de Saudade* onde mostra pessoas de mais idade bem mais dispostas fisicamente onde o próprio espaço de realização do longa metragem, o baile, já estabelece tal suposição. Em *Copacabana*, as representações de idosos são dadas de modo a desmitificar a visão que temos de idosos mais velhos. Os filmes, não deixam de proporcionar aos seus espectadores possibilidades de enxergar o outro de uma outra maneira mesmo aquele estando tão próximo de nós.

Desse modo, o cinema chama para si a possibilidade de analisá-lo, não sendo ele reprodutor de uma realidade, mas que negocia com os códigos dessa sociedade, no qual os filmes *Copacabana* e *Chega de Saudade* são produtos dela, onde seus respectivos diretores escolheram possíveis formas para “falar” sobre envelhecimento.

Como nos diz Geertz: a cultura é um documento de atuação uma ciência interpretativa que está à procura do significado, essa análise que realizei jamais dará fim às muitas formas de expressões empregadas nos filmes que merecem ser observadas e interpretadas.

Bibliografia:

ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. Edições SESC. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. 125-139.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Capítulo 1 e 3: A Família. 2ª edição. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

_____. *Homem Perante a Morte vol. 1*. 2ª edição. Tradução de Ana Rabaça. Publicações Europa-América, 2000.

BARBOSA, Andréa. São Paulo: Cidade Azul. *Imagens da cidade construídas pelo cinema paulista dos anos 80*. São Paulo: Tese de doutorado. Departamento de Antropologia/FFLCH/USP, 2003.

_____; CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e Imagem*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Densidade da memória, trajetória e projeto de vida. Dossiê gênero e velhice. Vários colaboradores. In: *Revista estudos feministas*. IFCS/UFRJ. Vol.5 N.1 ano 1997.

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 4ª edição. São Paulo, Hucitec, 1999.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp. São Paulo, 2004.

_____. *O velho na propaganda*. Cad. Pagu [online]. 2003, n.21, pp. 133-155.

_____. A Vida Adulta e a Velhice no Cinema. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). *Cinema velhice e cultura: cinedebate*. Campinas/ São Paulo, Alínea, 2005.

DÖPPENSCHMITT, Elen. Velhice e Memória em Copacabana. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). *Cinema velhice e cultura: cinedebate*. Campinas/ São Paulo, Alínea, 2005.

FERNANDES, Wânia Ribeiro & SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. *O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas*. Revista Estudos Feministas, Artigo de Abril/2010, vol.18, no. 1, p.101-120.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Velhice, Cinema e o Trânsito do tempo. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). *Cinema, Velhice e cultura: cinedebate*. Campinas/ São Paulo, Alínea, 2005.

LOPES, Andréa. *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas/ São Paulo, Alínea, 2010. pp. 79-167.

LOPES, Andréa. Velhice, heterogeneidade e a dança dos esquisitos. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de; SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (orgs.). *Velhice e diferenças na vida contemporânea*. Campinas/São Paulo, Alínea, 2006.

LOPES, Ruth G. da Costa. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC. São Paulo, 2007. pp.141-152.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil Vol 3. República: da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 368-421.

MAGRO, Viviane M. de Mendonça. Espelho Negativo: a idade do outro e a identidade etária. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). *Infância e Velhice: Pesquisa de idéias*. Campinas/ São Paulo: Alínea, 2003.

METZ, Christian. *A Significação do cinema*. Capítulo 1: A Respeito da Impressão de Realidade no Cinema. 2 edição. Tradução de Jean- Claude Bernardet. São Paulo. Editora Perspectiva, 2007, v. 54.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Visão antropológica do envelhecimento humano. In: Vários colaboradores. *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC: PUC, 2006.

MONTERO, Paula. *Globalização, identidade e diferença*. In: Novos estudos, Cebrap, São Paulo, 1998.

NERI, Anita Liberalesso. Feminização da velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC. São Paulo, 2007.

NOVAES, Sylvia Caiuby. “Imagem e ciências sociais: Trajetória de uma relação difícil”. In: BARBOSA, Andréa, CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem – Conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. São Paulo/ Campinas: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 3^o edição. São Paulo: Unesp, 2006. pp.17-35.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Cinema e antropologia: um esboço cartográfico em três movimentos*. Cadernos de Antropologia e Imagem 10.1 (2000): 51-70.

PEIXOTO, Clarice E. *Envelhecimento e Imagem: As fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. História de mais de 60 anos. Dossiê gênero e velhice. Vários colaboradores. In: *Revista estudos feministas*. IFCS/UFRJ. Vol.5 N.1 ano 1997.

PIRES, André. A Batalha Contra o Tempo: relações com o corpo tendo em vista o processo de envelhecimento em Claudia e Playboy (anos 80 e 90). In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). *Infância e Velhice: Pesquisa de idéias*. Campinas/ São Paulo: Alínea, 2003.

SALLES, João Moreira. “A dificuldade do documentário”. In: Martins, Eckert & NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.) *O imaginário e poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005. pp.57-72.

SANT’ANNA Denise Bernuzzi de. Entre os corpos e os incorporais. In: Vários colaboradores. *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC: PUC, 2006.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TAVARES, Samila Sathler. Identidade e Sociabilidade na Velhice em tempos de Transição. In: *Cinema velhice e cultura: cinedebate*. Campinas/ São Paulo, Alínea, 2005.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. *Ensaio Sobre a Análise Fílmica*. 9º edição. Tradução de Maria Appelenzeller. Revisão Técnica de Nuno César P. de Abreu. Campinas: Papirus, 2009.

Sites e links:

Frente do Idoso defende uniformização da gratuidade em ônibus/ acessado no dia 10/10/11-15:30.

<http://www.senado.gov.br/noticias/frente-do-idoso-defende-uniformizacao-da-gratuidade-em-onibus.aspx>

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Censo do ano 2000. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm> Acessado em out. 2010.

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1 Acessado em out. 2011.

Ministério da Saúde acessado em 20 de outubro de 2011.

http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33765&janela=1

ARAUJO, Vera Lúcia Borges de et al. Características da Aids na terceira idade em um hospital de referência do Estado do Ceará, Brasil. *Rev. bras. epidemiol.* [online]. 2007, vol.10, n.4, pp. 544-554. ISSN 1415-790X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2007000400013>. Acessado em 20 de outubro de 2011.

LAZZAROTTO, Alexandre Ramos et al. **O conhecimento de HIV/aids na terceira idade: estudo epidemiológico no Vale do Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2008, vol.13, n.6, pp. 1833-1840. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000600018>. Acessado em 20 de outubro de 2011.

Site: Interfilmes - Acessado em 28 de maio de 2012.

http://www.interfilmes.com/filme_18823_copacabana.html

Kalix Magazine - Acessado em 28 de maio de 2012.

<http://www.vervecultural.com.br/kalix/copacabana.html>

Cinefilia: Revista de Cinema – Acessado em 28 de maio

<http://renatofelix.files.wordpress.com/2008/12/chega-de-saudade.jpg>

Blog Autores de cinema

<http://www.autoresdecinema.com.br/blog/wp-content/uploads/2008/03/chega-de-saudade-11.JPG>

Blog: Aventuras musicais

<http://aventurasmusicaisdemisterteles.blogspot.com.br/2008/04/filme-chega-de-saudade.html>

Site: O Grito Cultura pop sem contradição

<http://www.revistaogrito.com/page/blog/2008/05/13/chega-de-saudade/>

Site: Vila Mulher

<http://vilamulher.terra.com.br/filme-%93chega-de-saudade%94-a-magia-dos-bailes-6-1-80-13.html>

FILMES:

Copacabana, direção Carla Camurati. Rio de Janeiro, Brasil, 2001, cor, 92 min.

Chega de Saudade, direção Laís Bodansky. São Paulo, Brasil, 2008, cor, 95 min.

ANEXOS:

Figura 1

Cena do filme Copacabana (BRASIL, 2001) ¹⁵

Figura 2

Cena do filme Copacabana (BRASIL, 2001) ¹⁶

¹⁵ http://www.interfilmes.com/filme_18823_copacabana.html

¹⁶ <http://www.vervecultural.com.br/kalix/copacabana.html>

Figura 3

Cena do filme Chega de Saudade (BRASIL, 2008)¹⁷

Figura 4

Cena do filme Chega de Saudade (BRASIL, 2008) ¹⁸

¹⁷ <http://renatofelix.files.wordpress.com/2008/12/chega-de-saudade.jpg>

¹⁸ <http://www.autoresdecinema.com.br/blog/wp-content/uploads/2008/03/chega-de-saudade-11.JPG>

Figura 5

Cena do filme Chega de Saudade (BRASIL, 2008)¹⁹

Figura 6

Cena do filme Chega de Saudade (BRASIL, 2008)²⁰

¹⁹ <http://aventurasmusicaisdemisterteles.blogspot.com.br/2008/04/filme-chega-de-saudade.html>

²⁰ <http://www.revistaogrito.com/page/blog/2008/05/13/chega-de-saudade/>

Figura 7

Cena do filme Chega de Saudade (BRASIL, 2008)²¹

²¹ <http://vilamulher.terra.com.br/filme-%93chega-de-saudade%94-a-magia-dos-bailes-6-1-80-13.html>